

O BERÇO da GREI

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTONIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.º
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicão

Carmona e Salazar Chefes da Revolução Nacional

A O iniciar-se hoje a publicação de um jornal de feição acentuadamente nacionalista — *O Berço da Grei* — ele vai servir, no sentido elevado da palavra e ao mesmo tempo, a Nação e a terra de Guimarães.

A Nação servi-la-á, enfileirando ao lado da imprensa integrada no esforço de reconstrução nacional para pugnar pela continuidade da Revolução, para além de nós, que é, como quem diz, para além da geração que a ansiou e preparou, que sentiu a sua necessidade urgente e lhe deu forma inconfundível sem ter de copiar os figurinos políticos da Europa.

Servindo a Nação numa política elevada, de dignidade e de justiça, vai servir Guimarães nas suas aspirações mais nobres, nos seus desejos constantes de progresso e nas suas regalias de cidade-Berço, de modo que o seu futuro seja uma aspiração de grandeza e prosperidade.

* * *

Em 10 anos de trabalhos e canseiras, de olhos fixos no bem do país, Carmona e Salazar têm sido os continuadores da obra admirável dos nossos antepassados.

Norteados por um alto pensamento — o mesmo que norteou o movimento militar de 28 de Maio — o seu exemplo na tarefa difícil e ingrata da reconstrução é a mais eloquente lição de civismo que se pode dar, de tal modo se irmanaram os dois no duro sacrifício de servir Portugal acima de tudo, esquecidos de si próprios!

Uma Idea serve-se assim para que ela se projecte, no futuro, com a personalidade que lhe caracterizou o início.

Quantos sistemas políticos têm cavado a sua sepultura somente por se não olhar à preparação do dia de amanhã?!

A Revolução Nacional é já hoje indestrutível por ter encontrado em Carmona e Salazar os realizadores práticos do corpo doutrinário que a originou.

No ambiente nebuloso e incerto das horas difíceis que a caracterizaram, depois do triunfo militar, surgiu Salazar por intermédio do exército para arcar com a responsabilidade de dar nova arquitectura ao Estado e por conseguinte tomar sobre si o compromisso do triunfo político do movimento.

Se assim não fôra, o 28 de Maio não passaria de um movimento contra deter-

(Continua na 3.ª página).

A' MARGEM

Este semanário não pertence a grupos... grupinhos ou grupelhos.

Integrado no movimento de 28 de Maio, tem como objectivo a expansão do Ideal Salazarista.

Talvez o **Homem da rua**, habituado às atitudes dúbias e vagas, esboce um sorriso de desdém e desenhe um movimento de repulsa, ao deparar este semanário de orientação clara e firme.

Nós, porém, reconhecendo que são duas mentalidades que se chocam, a do estado velho e a do Estado Novo, perdoamos-lhe a atitude.

Espírito afundado na mercância da vida, não compreende uma posição de combate; consciência de borracha, amoldável a todos os ambientes, não atinge o valor moral da luta por uma ideologia que a inteligência aceita e o coração afaga.

O que o caracteriza melhor é o sorriso amarelo, que à fisionomia lhe dá a claridade de baça própria dos círios funérios.

Esta expressão — homem da rua — encontramos-a pela primeira vez num trabalho de subtil psicologia e grandeza moral do ilustre escritor sr. Dr. Alfredo Pimenta, intitulado, se a memória nos não atraiçoa — Auto-retrato ou a Evolução filosófica de espírito.

Empregou-a S. Ex.ª para designar, em sentido lato e genérico, todos aqueles que cristalizados numa ideologia, não perdoam aos que evoluem segundo os impulsos da inteligência, indiferentes ao esvaziar de ódios peçonhentos com que os primários pretendem ennegrecer as mentalidades superiores.

O Bairrismo que votamos à nossa terra é a parcela do amor, sacrifício e trabalho que votamos à Pátria; não podemos compreender bairrismo sem nacionalismo.

O Estado, armadura jurídica da Nação, é por definição, autoritário contra todo o individualismo destruidor; e até por isso mesmo assegurará a cada um, com o seu direito, liberdades, não liberdade sinónimo de licença.



General Oscar Fragoso Carmona



SOCIEDADE
MARTINS SARMENTO

D A C I D A D E

DR. LEONARDO COIMBRA VIDA CATÓLICA NATAL E CARIDADE

Causou profunda consternação nesta cidade o falecimento do Dr. Leonardo Coimbra, vítima de um desastre de automóvel.

Filósofo profundo, orador eloquente, professor abalizado, o ilustre extinto pertencia á minguada galeria dos espíritos de eleição.

Em 1922, nas horas torvas dos ódios políticos, a voz corajosa do Dr. Leonardo Coimbra, advogava já a liberdade de ensino religioso nas escolas particulares.

Coerente com as suas afirmações, abandonou o ministério e desprezou o espumar rancoroso da malta jacobina.

Mais tarde, em 1924, confirmou o seu pensar, com êste depoimento: «considerava e considero a questão do ensino religioso o acto decisivo para o completo entendimento das forças religiosas dentro da República. Olhe: todo o jacobinismo anti-religioso assenta num conto de fadas. Criou-se em Portugal o jesuíta para acrescentar — como um fantasma de terror aos vampiros, lobishomens, fadas, bruchas, gnomos, etc.

O jesuíta é uma criação artificial de certa retórica dos comícios; o anti-jesuíta será o espumar de raiva dessa ôca e viciosa retórica.

Ora, foi em tôrno dêste fantasma que certos jacobinos, organizaram toda a sua anti-mentalidade clerical, querê dizer, a sua mentalidade anti-clerical.

«Ninguém poderá vencer a onda do renascimento religioso que vai pelo mundo.»

O Dr. Leonardo Coimbra morreu no seio da Igreja Católica. Tem sido esta a trajectória de alguns luminares da intelectualidade nacional: acção irreverente e iconoclastica na quadra fogosa dos sonhos juvenis, recolhimento em Deus, na hora calma e firme das inteligências sazoadas.

O Dr. Leonardo Coimbra morreu cristão e católico.

Ainda há bem pouco tempo tinha casado religiosamente e baptizado o filho.

Que Deus receba nos céus da bemaventurança alma tam profundamente cristã.

“O Berço da Grei”, ao iniciar a sua publicação, endereça efusivas saudações a todos os colegas que com denodo e energia, lutam pelo triunfo da Ordem.

A' imprensa vimaranense afirmamos a nossa solidariedade em tudo que diga respeito ao engrandecimento de Guimarães.

Primeiro Domingo depois da Epifania

A SAGRADA FAMÍLIA

EVANGELHO:

E. quando Jesus teve doze anos, subindo êles a Jerusalém segundo o costume do dia da festa, e acabados os dias que ella durava, quando voltaram para casa, ficou o Menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o advertissem. E, julgando que elle viria com os da comitiva, andaram caminho de um dia, e procuravam-no entre parentes e conhecidos. E, como o não achassem, voltaram a Jerusalém em busca d'êle. E aconteceu que, três dias depois, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. E todos os que o ouviam estavam pasmados da sua intelligência e das suas respostas. E, quando o viram, admiraram-se. E sua mãe lhe disse: «Filho, porque usaste assim connosco? Vê que teu pai e eu te andavamos buscando cheios de aflicção».

E elle respondeu-lhes: «Para que me buscáveis? Não sabíeis que importa ocupar-me nas cousas que são do serviço de meu Pai?» Mas êles não entenderam a palavra que lhes disse. E desceu com êles, e veio para Nazaré, e estava sujeito a êles.

E sua Mãe conservava todas estas palavras no seu coração. E Jesus crescia em sabedoria e em idade e em graça diante de Deus e dos homens. (Luc. II, 42-45).

CONSIDERAÇÕES:

E' já muito antiga a devoção à Sagrada Família; data do século XVII o seu grande desenvolvimento, que nos últimos tempos atingiu o seu apogeu graças às medidas tomadas pelos Papas Leão XIII, Pio X e Bento XV; êste último estendeu esta festa a toda a Igreja. A meditação das virtudes da Sagrada Família e a sua imitação leva às almas os maiores benefícios. Mais que nunca se torna ella necessária nestes tempos calamitosos em que tudo conspira e se conjuga para desfazer os lares cristãos e corromper os costumes.

Nesta Santa Família encontramos remédios para todos os males de que enfermam as famílias que constituem a sociedade hodierna. A's divergências de ideas e de carácter, que muitas vezes levam à desunião e à separação, opõe o exemplo dos santos esposos de Nazaré o desinteresse pessoal, a uniformidade de vistas e de gostos; esquecendo os seus interesses, só pensara nos de Jesus. Geralmente deve attribuir-se à falta de sentimentos religiosos os desregramentos de toda a espécie que corroem as famílias, dissolvendo-as quantas vezes!

Jesus, Maria e José viviam em estreita união entre si, amando-se mutuamente, adivinhando-se uns aos outros, porque viviam em estreita união com Deus pela oração. Auriam as suas ideas, que em todos eram as mesmas em tudo, na própria fonte da justiça e da verdade que é Deus.

De Jesus, diz o Evangelho, que crescia em sabedoria, em idade e em graça, e que lhes estava sujeito; tinha então doze anos apenas; até aos trinta, idade em que deu início à sua vida pública e apostólica, não encontramos nas sagradas páginas mais referências a seu respeito. Naquellas palavras tam simples está o seu maior elogio — era-lhes submisso; sirvam elas de lição salutar a todos aqueles cujo dever se resume em obedecer, e obedecer com prontidão e alegria.

Honrando os pais serão os filhos abençoados por Deus neste mundo e no outro; serão a sua alegria neste mundo e a sua coroa na eternidade.

+ A' SOMBRA DA CRUZ +

D. Ercília Leite Mendes Silva

Confortada com todos os Sacramentos da Madre Igreja, faleceu a sr.^a D. Ercília Leite Mendes Silva, esposa do industrial e capitalista sr. José da Silva Guimarães, mãe da sr.^a D. Maria da Conceição Mendes Silva Carvalho. O seu funeral realizou-se na igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, que estava cheia de pessoas de todas as camadas sociais. Acabados os responsos seguiu para a freguesia de S. Clemente de Sande, em cujo cemitério ficou sepultada.

O Berço da Grei envia sentidos pêsames à ex.^{ma} familia da extinta.

João Abreu

Faleceu o estimado vimaranense sr. João de Abreu, tesoureiro aposentado da Câmara Municipal. O extinto gozava no nosso meio de inúmeras simpatias, pelo que a sua morte foi muito sentida.

A' familia enlutada apresentamos as nossas condolências.

Quadra de Amor, de Fé e de Caridade.

Amor mais intenso no seio das famílias; Fé mais viva no destino da Sociedade; Caridade mais ampla, para que não falte em casa do pobre um pouco de luz a alumiar as densas trevas da miséria.

Uma alegria inefável conduz as criaturas para o lar, unindo-as num amplexo de espiritualidade, que nem os mais intolerantes materialistas conseguem abafar dentro de si.

Toda a humanidade sente como que uma força sobrenatural a incitá-la à prática do bem.

E' consolador verificar o caudal de Caridade que nesta quadra do ano se forma, levando a alegria e o bem-estar a tantos lares famintos, espalhando a seiva pelas plantazinhas endêmicas que se lhe deparam, sem a qual indubitavelmente fenece-riam.

Caridade! Caridade!

E's a flor excelsa dos sentimentos mais nobres que habitam no coração humano.

A tua prática eleva bem alto as criaturas, espiritualizando mais e mais a humanidade, conduzindo-a ao verdadeiro caminho da paz e da harmonia.

SOCIEDADE

No próximo dia 11 fazem anos as seguintes senhoras:

D. Adelaide Sofia M. de Meira, D. Francisca Cândida M. Freitas e D. Maria da C. M. Teixeira d'Aguiar e Freitas.

De regresso à sua unidade, partiu para Bragança o nosso prezado amigo, sr. capitão Joaquim Pedras.

Estiveram nesta cidade, a passar a quadra do natal com suas famílias, D. Maria José Ribeiro Vilas, D. Helena Barbosa Faria da Silva, capitão de fragata António Garcia de Sousa Ventura, Dr. Roberto de Carvalho e Lino Carvalho.

Cumprimentamos nesta cidade a distinta e nável professora nos Arcos de Valdevez, D. Arlinda de Carvalho Araújo.

Vimos nesta cidade o sr. tenente Gaspar, comandante da policia do distrito e administrador do concelho de Braga.

António Malheiro Rodrigues, entalhador, executa todos os trabalhos de arte em mobiliário antigo e obra de igreja: altares, badaquines e banquetas.

Largo 28 de Maio — Guimarães.

Carmona e Salazar Chefes da

Revolução Nacional

minado agrupamento político com a sorte de muitos outros, que *morreram ao nascer* por falta de doutrina e de um realizador nêle integrado.

Já hoje inseparáveis na sua acção e nos seus destinos e completando-se nos predicados de que são dotados, o novo ritmo da vida nacional, nas suas modalidades interna e externa, é alvo das atenções de além fronteiras. E quando um Povo o mais ocidental da Europa, debruçado sobre o Atlântico na evocação do seu destino descobridor e colonializador consegue interessar o olhar de povos maiores no número e na extensão de terrenos, é por que alguma cousa de novo se passa. De facto tudo é novo no Portugal de hoje, a começar pelo ambiente desanuviado e límpido ao sossêgo nas ruas e espíritos.

Há uma obra realizada em todos os departamentos que, só por si, consagram os Homens que presidiram à sua idealização. Tudo se deve a Carmona e Salazar como *Chefes* duma geração que tudo sacrifica para elevar-se e dignificar-se dia a dia, no trabalho que mudou a face a tudo o que, ontem era motivo de paixões, de discórdias e lutas.

A obra material, moral e espiritual do Estado Novo é uma obra palpável que ficará a marcar uma política de verdade.

Sem Salazar trilharíamos ainda hoje o calvário do descabro financeiro com todas as suas consequências. Contudo a sua tentativa perder-se-ia, apesar do seu talento e de sua força de vontade, se na Presidência da República não estivesse um Homem cheio de dignidade moral, de independência de carácter e firmeza de ideias que assim tem permitido uma conti-

nuidade governativa sem sobressaltos nem choques. Coincidência interessante do Destino fadando-os para *comando único* da Revolução, apesar da trajectória tam diversa por cada um descrita na vida! Carmona sai do exército que fez a Revolução; Salazar sai da geração que tornou possível o esforço do mesmo exército!

Nesta hora confusa que atravessa o Mundo, meditemos bem *o que fomos e o que somos*. Se olharmos o passado através da sua decadência e contemplarmos o presente através da estrada larga que se desenha aos nossos olhos, devemos concordar que Portugal caminhou imenso em 10 anos de vida regrada e disciplinada, política e administrativamente.

Ao começar o ano cuja existência é de poucos dias, que o nosso olhar se fixe na lição admirável do que vale a força de vontade e o talento dos homens que comandam os nossos destinos. Imitá-los no exemplo da sua vida toda entregue às canseiras e ao trabalho de reconstruir a Pátria, para a tornar maior e melhor e segui-los na execução da sua Obra que já os ultrapassou por ser eterna, é ter a certeza de que seremos um povo forte, que mantém intactas as virtudes ancestrais de Raça.

Trabalhemos pois todos para que o Império Português tenha no futuro o grau de prosperidade que a sua história impõe perante o mundo culto e civilizado.

A' MARGEM

No **Estado Novo** a família, a freguesia, o município, os organismos profissionais, as corporações morais e económicas, círculos naturais e orgânicos da actividade do cidadão, intervem, logicamente, na nova orgânica política.

Na **Constituição** inseriu-se o corporativismo como conceito orgânico do novo regime e como alicerce do grande edifício em que se ha-de abrigar a justiça social.

Nacionalismo não é apenas uma palavra composta de seis sílabas mas sim um código moral e político.

Contra todos os que combatem a Pátria e a nossa posição; contra todos os agentes de Moscovo — mesmo aqueles que, nas suas repartições, escolas, cafés ou nos jornais, consciente ou inconscientemente, defendem certas doutrinas que só podem conduzir ao comunismo.

Contra a liberal-democracia; o comunismo é a consequência dessa ideologia utópica e absurda, que encheu de ruínas e de guerras civis todos os países onde exerceu o seu domínio.

O **Estado Corporativo** realiza, dentro da Verdade e da Justiça, as falsas promessas do comunismo: é o estado da ordem.

A **Escola** tem o encargo de educar as gerações futuras; o seu ideal tem de ser o da Nação.

A **Família** é a célula primordial da Nação; não podemos admitir leis que a prejudiquem, enfraqueçam ou a dissolvam.

O **Comunismo** no plano espiritual — segundo a perfeita definição de Salazar, é «a síntese de todas as revoltas tradicionais da matéria contra o espírito e da barbárie contra a civilização».

No **Plano Político** — é a tirania dum bando de fanáticos sobre um povo desorganizado e miserável.

No **Plano Económico** — é o capitalismo absorvente do estado, que transforma o trabalhador num escravo.

Na **Juventude** está o futuro das Nações: Um dos problemas mais fundamentais dos Estados de hoje é o problema das juventudes: elas são as continuadoras da Revolução.

Esta palavra juventude não diz respeito só à idade mas sim principalmente, à ideia: há novos que não são jovens e velhos que o são.



Dr. António de Oliveira Salazar

DO MUNICIPIO

ACÇÃO MUNICIPAL PELA CAMARA

Há verdades tam claras e evidentes que para reconhecê-las e aplaudi-las não é preciso ir beber às fontes oficiais, basta apenas ter consciência justiceira e bom senso, infelizmente cada vez menos comum.

A presente vereação camarária seguiu um critério que todos apontam como o único digno de ser perfilhado pelas edilidades que acima dos louros pessoais sobrepõem os interesses do povo: completar as obras iniciadas.

As Comissões Administrativas que têm passado pelas cadeiras do Município, logo que entram em exercício das suas funções, lançam-se febrilmente em novos cometimentos, ainda que obras em curso sejam paralizadas.

A presente vereação ao findar o ano económico não se pavoneia com a realização de uma obra de vulto por ela iniciada; mas tem a satisfação íntima de defender os interesses da grei, prosseguindo e completando obras encetadas.

Nem outra orientação era de esperar na vigência de um Estado que trabalha com método, equilibrio e bom senso.

Talvez estes processos de acção não conquistem os aplausos da galeria, sempre sôfrega de realizações sem péso nem medida; mas têm a vantagem de serem os únicos que correspondem aos interesses do público e ao parecer dos homens de sã consciência, e isso é que importa.

Comparticipações

A acção larga e fecunda dos Municípios, mercê das participações do Estado, representa um dos maiores benefícios que o movimento de 28 de Maio proporcionou ao país.

As aspirações do povo, cuja realização os tribunos acenavam em lindas frases, só com o advento da política de realidades que o Estado Novo encetou foram concretizadas.

Edilidades transactas vimaranenses, por motivos de vária ordem, promoveram a realização de inúmeras obras sem as benéficas e estimuladoras participações, sempre concedidas desde o momento que os projectos tenham um carácter de interesse público imediato.

Estão nestas circunstâncias as obras de A Nova Avenida e as do Mercado, iniciadas sem o regime de participações.

Então se as participações duplicam os trabalhos camarários porque devemos desprezá-las?

A Câmara actual, orientada por conscienciosas normas administrativas, tem pedido as participações do Estado sempre que qualquer obra se projecte.

Esta verdade não pode ser reconhecida pelo senso comum; para dela possuir conhecimento é preciso consultar as «fontes oficiais».

SEJAMOS JUSTOS

Está aniquilada a atoarda posta a correr pelos intriguistas e impotentes, de que as novas contribuições urbanas viriam arrazar toda a gente, com um excessivo aumento.

Em consequência da redução da nova taxa, que de 24 passou para 10,5, muitos contribuintes passaram a pagar menos.

Foi assim cortado cerce, mesmo pela raiz, o clamor geral, onde as vozes dos adversários desta hora de justiça se misturavam às de alguns situacionistas...

As atoardas tiveram muitas origens, pois se até dentro das repartições de finanças muitos funcionários, esquecendo declarações de Salazar, jogaram com as taxas estabelecidas em 1929 para justificar a monstruosidade das novas colectas.

Como em geral os beneficiados se calam, estamos com vontade de provar as reduções que muitos contribuintes vimaranenses obtiveram.

E' claro que pelas novas taxas passarão a pagar alguma cousa os que até agora não pagavam nada por terem os prédios omissos; pagarão talvez mais os que beneficiavam de avaliações tam favorecidas, que todos os factores de correcção os deixavam em situação de privilégio, mas passarão a ter um apreciável desagravamento aqueles que já tinham na matriz rendimentos razoáveis ou excessivos por terem provindo de cega aplicação de factores uniformes.

Louvemos pois o Governo por beneficiar os contribuintes com a mesma simplicidade, sem alardes nem espalhafatos com que havia imposto sacrificios, quando o país se debruçava nos parapeitos da derrocada, prestes a subverter-se num oceano de vergonha, providencialmente salvo pela vontade do exército, ao amanhecer do dia 28 de Maio.

Em sua sessão de quarta-feira pretérita, 9 de corrente, reuniu a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, sob a presidência do Sr. Dr. José Francisco dos Santos, encontrando-se presentes os vereadores Srs. Alberto Costa, Dr. José Maria de Castro Ferreira, Dr. Arménio Pereira Caldas, A. L. de Carvalho, Joaquim Ferreira Monteiro e António José Pereira Lima.

Do expediente constava estarem prestes a ser pagos, pelo fundo do desemprego, participações no valor de 11:000\$00 e que tinha sido aprovada a proposta para conclusão das retretes do Liceu.

Foram deferidos vários requerimentos, nos quais se pediam licenças para obras, entre elles dois para a construção de casas baratas em Masceteles e na Arcela.

Tomaram-se as seguintes deliberações: enviar para o Ministério das Obras Públicas as plantas topográficas dos terrenos destinados à construção de escolas em treze freguesias do concelho para o efeito de se conseguir a participação do Estado. Para estas obras inclui a Câmara no seu orçamento 100 contos; aprovou o projecto e orçamento e caderno de encargos da obra de pedreiro — segunda empreitada — dos novos paços do concelho e resolveu pô-la em hasta pública, mandando-se afixar os respectivos editais. Resolveu também conceder à Delegação Concelhia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, um subsídio de 4:600\$00, para compra de terreno no cemitério.

A CAMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃIS

dispense 70.000\$00 para a realização das Festas da Cidade

Convocada pelo Município realizou-se na terça-feira, pelas 22 horas, uma reunião com a presença dos representantes das colectividades vimaranenses, onde se tomaram importantes deliberações.

Presidiu o sr. Dr. José Francisco dos Santos, que se encontrava ladeado pelos srs. capitão Mário Cardoso, presidente da Sociedade Martins Sarmiento, A. L. de Carvalho, em nome da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães e presidente da Associação Comercial.

Em primeiro lugar ventilou-se a urgência de subscrição para a compra do Palácio dos Almadás, dever patriótico que todos os vimaranenses saberão cumprir generosamente.

Para êste efeito nomeou-se uma comissão incumbida de distribuir pelas casas comerciais listas de subscrição.

Em seguida foi, pelo sr. presidente da Câmara, ventilada a obrigação de Guimarães imprimir à realização das Festas Gualterianas o brilho e luzimento capaz de as tornar motivo de atracção dos forasteiros.

O Município para êsse efeito lança a verba de 70.000\$00.

A comissão organizadora ficou composta de um representante da Câmara, da Associação Comercial e da secção do Sindicato dos Empregados do Comércio.

Debateu-se também a necessidade de Guimarães congregar todos os seus elementos para que a unidade militar volte a esta terra.

Como a falta de um quartel é obstáculo a ponderar, algumas das pessoas presentes, os srs. Manuel C. Martins e Joaquim Laranjeiro dos Reis, alvitaram o lançamento de uma derrama destinada à construção do quartel. Para o estudo desta proposta e outros assuntos ligados com a unidade militar, o sr. Dr. José Francisco dos Santos, presidente do Município propôs uma comissão, que ficou constituída por um representante do Município, União Nacional, pelo sr. Dr. Augusto Cunha, em nome da Sociedade Martins Sarmiento, pelo sr. Manuel C. Martins, representando a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães e um membro da secção do Sindicato dos Empregados do Comércio.

Os trabalhos desta comissão devem ser apresentados a uma reunião «magna», para que será convocado o povo vimaranense.

C O R P O R A T I V I S M O

SAÜDAÇÃO

O *Bêrço da Grei* saüda as direcções dos Sindicatos vimaranenses, organismos corporativos que pela sua integração na vida nacional, estão destinados a desempenhar um papel de alto relêvo no campo do trabalho.

DR. TEOTÓNIO PEREIRA

Na hora da exoneração, a seu pedido, do lugar de Sub-Secretário das Corporações, S. Ex.^a o Sr. Dr. Teotónio Pereira dirigiu uma saüdação a todos os Sindicatos Nacionais do País, que a seguir transcrevemos:

No momento em que deixo o meu cargo de Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, dirijo uma saüdação sincera aos Sindicatos Nacionais, casas do Povo e mais organismos corporativos dependentes do I. N. T. P. e exprimo a minha inabalável confiança nos princípios da nova ordem económica e social, cujos gloriosos fundamentos foram lançados em 23 de Setembro de 1933, por S. Ex.^a o Sr. Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, com a promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1936.

(a) PEDRO TEOTÓNIO PEREIRA.

OS SINDICATOS

Entre a incompreensão absurda de alguns industriais e a indiferença não menos absurda de alguns trabalhadores, obsecados uns por vícios que o liberalismo em 100 anos lhes inoculou, transviados outros por utopias que estão sendo a desgraça de quem nelas crê, a Organização Corporativa vai caminhando devagar, mas com firmeza. Por isso, bem fizeram os rapazes de *O Bêrço da Grei*, dedicando-lhe semanalmente uma das suas páginas.

Honra lhes seja pelo seu gesto. Dêste cantinho para onde me destacaram, barricada onde serão defendidos sem tibiezas nem tergiversações, os sagrados interesses dos trabalhadores, eu saüdo os dirigentes dos Sindicatos da nossa terra.

E para o fazer, não será precisa a prosa burilada e cheia de arrebiques dum jornalista de nome, nem tampouco as explosões de sentimentalismo hipócrita dos «comunistas de café» que pululam por aí, mas sim a linguagem forte e decidida da verdade e da justiça, que é apanágio de todos os rapazes que trabalham neste jornal.

Pela verdade, sempre!

Contra a verdade, nunca!

Por ela, arrancando a máscara que trazem afivelada alguns pseudo «defensores» da classe trabalhadora e que sempre a prejudicaram; pela

justiça, contra aqueles que, esquecendo as regras da boa política e da doutrina cristã, fazem do seu operário uma bêsta humana.

Para as Direcções dos Sindicatos, como acima digo, vão as minhas saüdações.

São êles, os homens que as compõem, os verdadeiros campeões da emancipação dos trabalhadores.

Verdadeiros, um!

Lutadores obscuros e simples, sem alardes nem espalhafatos, numa luta ordeira e proveitosa, os homens dos Sindicatos vão fazendo a verdadeira *Revolução Social*.

Para a frente, verdadeiros revolucionários, soldados disciplinados da causa operária — *Avante* —, porque sem bombas nem comícios desordeiros, havemos de ter aquilo que toda a vida nos prometeram em ocasião de eleições, e que jamais cumpriram.

Avante, pelos contratos colectivos de trabalho, pelas caixas de previdência — verdadeira aspiração dos trabalhadores —, pela dignificação da família operária, pela pacificação da família portuguesa e assim contribuirá a maior fôrça de todas as pátrias — o trabalho — para o engrandecimento e prosperidade de um Portugal Maior.

UM TRABALHADOR.

DR. MIRANDA DA ROCHA

Encontra-se a juventude nacionalista de luto. Morreu Miranda da Rocha.

Numa hora em que tanto esperavamos dêle, desaparece, descansando para sempre, aquela alma moça que sempre combatera, com lealdade e justiça, pela marcha da Revolução Nacional, pela vitória do Corporativismo Cristão.

Conheci-o desde a sua posse de Director do *Correio do Minho*. Lembro-me, com saüdade, da sua palavra mística, mas forte e de acção,



DR. MIRANDA DA ROCHA

ânsia dum coração que queria mais e mais, amando os humildes, comovendo-se das suas desgraças.

O seu espírito sincero, vibrante, com fé nos destinos triunfais da Pátria, seguia vôos altos dum misticismo de vida viva; ficava triste se às vezes não podia fazer mais pelos operários, achando sempre pouco o muito que por êles fazia.

Miranda da Rocha era um novo. Era um novo não só na idade mas um novo da idea, a mocidade em suma.

«Ser novo, disse-o Salazar na noite de S. Carlos, aos Vanguardistas, ser novo é educar a vossa vontade para que saibais querer, no duplo sentido desta expressão: vontade recta e vontade firme».

Miranda da Rocha era um novo!

Novos do Portugal, silêncio!

Miranda da Rocha descansa, ainda há pouco, em quatro palmos de terra, na sua Terra querida; mas não taltarà à chamada.

Morreu mas deixou-nos indicado o caminho a seguir. Ele acompanhar-nos-á, guiando-nos, no caminho do sacrifício, para resgate da Pátria.

Novos de Portugal, silêncio!...

Deixai-o descansar!

E quando, no limiar da vitória, o chefe fizer a chamada geral, ao ouvirdes o nome de Miranda da Rocha, respondei firmes, com voz forte — presente! — pois êle, nessa hora da vitória, estará connosco.

ANTÓNIO-LINO.

EDITAL

Américo de Oliveira Durão, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e Recenseador Eleitoral do Concelho de Guimarães:

FAÇO SABER, nos termos e para os efeitos do n.º 1.º do Art. 8.º do Decreto-lei n.º 23:406, de 27 de Dezembro de 1933, que no próximo dia 2 de Janeiro têm início as operações para organização do recenseamento político do próximo ano.

Assim, pelo presente, convido os indivíduos de ambos os sexos e corporações morais e económicas com capacidade eleitoral nos termos do referido Decreto, a inscreverem-se como eleitores, desde 2 de Janeiro a 15 de Março.

Para a inscrição deve-se ter em vista os seguintes preceitos:

1.º — São eleitores de Juntas de Freguesia os indivíduos de ambos os sexos com responsabilidades de Chefes de Família, domiciliados na freguesia há mais de 6 meses, ou nesta exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

NOTA — Para os efeitos de recenseamento consideram-se Chefes de Família:

I — Os cidadãos portugueses do sexo masculino com família legitimamente constituída, se não tiverem comunhão de mesa e habitação com a família dos seus parentes até ao terceiro grau da linha recta ou colateral, por consangüinidade ou afinidade;

a) São tido como chefes para o exercício do sufrágio os que forem proprietários ou arrendatários do prédio ou parte do prédio habitado, e os mais velhos, no caso de haver comunhão na propriedade ou no arrendamento.

II — As mulheres portuguesas, viúvas, divorciadas ou judicialmente separadas de pessoas e bens e as solteiras, maiores ou emancipadas, com família própria e reconhecida idoneidade moral, bem como as casadas cujos maridos estejam exercendo a sua actividade nas colónias ou no estrangeiro, umas e outras se não estiverem abrangidas na última parte do número anterior;

III — Os cidadão do sexo masculino, maiores ou emancipados, sem família, mas com mesa, habitação e lar próprio, e os que, embora estando em hotel ou pensão, vivam inteiramente sobre si;

a) Para a inscrição no recenseamento dos eleitores de Juntas de Freguesia, basta a apresentação de qualquer elemento de prova de que são chefes de família, nas condições dos números I, II e III.

2.º — São eleitores das Câmaras Municipais:

I — As Juntas de freguesia;

II — As corporações morais e económicas, com sede no Concelho, que funcionando legalmente exibam os competentes alvarás ou portarias ou citem o Diário do Governo que publicasse qualquer desses diplomas;

III — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nêle exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição;

IV — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, domiciliados no concelho há mais de seis meses, que, embora não saibam ler e escrever, pa-

guem ao Estado e corpos administrativos, a um ou a outros, a quantia não inferior a 100\$00 por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional imposto sobre a aplicação de capitais.

NOTA — A qualidade de contribuinte prova-se pela inclusão no mapa enviado das Repartições de Finanças ou pela exhibição dos conhecimentos que a comissão eleitoral da freguesia averbará no processo ou verbete do interessado.

V — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com curso especial, secundário ou superior, comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nêle exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

NOTA — Estas habilitações provam-se pela exhibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva perante a comissão referida.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exhibição do diploma de qualquer exame público feita perante a citada comissão;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com conhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão aludida ou algum dos seus membros, desde que assim seja atestado no requerimento e autenticado com o selo branco ou a tinta de óleo da Junta;

NOTA — A inclusão dos indivíduos nas relações dos chefes das repartições ou serviços públicos civis, militares ou militarizados, com indicação de saberem ler e escrever é prova bastante para efeitos de recenseamento.

3.º — São eleitores dos concelhos de Província:

I — As Câmaras Municipais.

II — As Corporações morais e Económicas.

4.º — São eleitores da assembléa nacional e do Presidente da República, os indivíduos de ambos os sexos que forem inscritos como eleitores das Câmaras Municipais.

5.º — Não podem ser inscritos:

I — Os que receberem algum subsídio da assistência pública ou da beneficência particular e especialmente os que estenderem a mão à caridade;

II — Os pronunciados por qualquer crime com trânsito em julgado;

III — Os interditos da administração de sua pessoa e bens, por sentença com trânsito em julgado, os falidos não rehabilitados e, em geral, todos os que não estiverem no gozo dos seus direitos civis e políticos;

IV — Os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença.

6.º — As relações dos eleitores a inscrever são organizadas pelas comissões eleitorais das freguesias, compostas pelo Regedor, Presidente da Junta e por um delegado do Administrador do Concelho, e é perante elas que os indivíduos devem fazer a sua inscrição.

7.º — Até 10 de Abril, os cidadãos e os representantes das corporações podem verificar em cada concelho ou bairro se vão incluídos nas relações referidas no número anterior e reclamar, perante a respectiva comissão do concelho do recenseamento, a sua inscrição como eleitores.

NOTA — Para efeitos de reclamação, os interessados, de 11 a 15 de Maio, podem examinar as cópias dos recenseamentos originais afixados à porta da Secretaria da Câmara Municipal.

As reclamações, que não podem dizer respeito a mais do que um cidadão ou corporação, serão interpostas para os auditores administrativos até ao dia 20 de Maio e terão por objecto:

a) Eliminação do recenseamento dos cidadãos ou corporações indevidamente inscritos;

b) Inscrição dos cidadãos ou corporações que, tendo requerido a sua inscrição ou devendo ser inscritos officiosamente, deixaram de o ser.

8.º — Os diplomas, certidões e públicas-formas e demais documentos necessários à inscrição dos cidadãos nos cadernos eleitorais e à instrução das reclamações serão obrigatória e gratuitamente passados em papel sem selo, dentro dos prazos marcados no presente Decreto-lei, mediante pedido verbal dos próprios interessados, incorrendo as entidades que demorarem ou não entregarem tais documentos nas penalidades correspondentes ao crime de desobediência qualificada.

9.º — Em tudo que não fôr expressamente regulado no citado Decreto-lei, vigorará, na parte aplicável, a legislação vigente.

Na Secretaria da Câmara Municipal e nas sedes das Juntas de Freguesia, onde funcionam as Comissões Eleitorais, dão-se os esclarecimentos necessários e, para geral conhecimento, publico o presente edital, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 22 de Dezembro de 1935.

Américo de Oliveira Durão.

QUADRO DAS OPERAÇÕES DO RECENSEAMENTO ELEITORAL

- a) Seu início — 2 de Janeiro;
- b) Afixação dos editais — até cinco dias antes do início das operações;
- c) Offícios com indicações aos presidentes das juntas de freguesia, aos regedores e aos funcionários do registo civil — enviados de forma a serem recebidos até 7 de Janeiro;
- d) Período para os funcionários mencionados na alínea antecedente fornecerem os elementos solicitados — cinquenta e dois ou cinquenta e três dias, desde 9 de Janeiro ao último dia de Fevereiro;
- e) Período para os chefes de repartições e de serviços enviarem as relações dos respectivos funcionários com direito de voto e para os chefes das repartições de finanças remeterem as relações dos cidadãos nas condições do n.º 4.º do artigo 2.º — cinquenta e oito ou cinquenta e nove dias, desde 2 de Janeiro ao último dia de Fevereiro;
- f) Período para os cidadãos e entidades que se julguem com direito de voto promoverem, perante as Comissões eleitorais de freguesia a sua inscrição no recenseamento — setenta e três ou setenta e quatro dias, desde 2 de Janeiro a 15 de Março;
- g) Período para as Comissões citadas na alínea antecedente entregarem os seus trabalhos — oitenta e três ou oitenta e quatro dias, desde 8 de Janeiro a 31 de Março;
- h) Período para os cidadãos e entidades referidas na alínea f) verificarem se estão inscritos e reclamarem, em caso negativo, a sua inscrição junto das comissões concelhias — dez dias, desde 1 a 10 de Abril;
- i) Período para a organização do recenseamento pelas comissões referidas na alínea antecedente — trinta dias, desde 11 de Abril a 10 de Maio;
- j) Período em que o recenseamento deve estar afixado para efeitos de reclamações — cinco dias, desde 11 a 15 de Maio;
- k) Período para a interposição das reclamações — cinco dias, desde 16 a 20 de Maio;
- l) Período para os auditores proferirem as sentenças — onze dias, desde 21 a 31 de Maio;
- m) Período para as mesmas sentenças serem comunicadas aos funcionários recenseadores — dois dias, desde 1 a 2 de Junho;
- n) Período para efectivação das alterações resultantes das sentenças — seis dias, desde 3 a 8 de Junho;
- o) Remessa das cópias aos presidentes das câmaras municipais — vinte e dois dias, desde 9 a 30 de Junho;
- p) Remessa das cópias à Direcção Geral de Administração Política e Civil e aos governos civis — cinquenta e três dias, desde 9 de Junho a 31 de Julho.

MODELO PARA O REQUERIMENTO

(Em papel comum)

F... (estado), de... anos de idade, ... (profissão) residente em..., freguesia de... dêste concelho, RESIDINDO NA MESMA FREGUESIA HA MAIS DE SEIS MESES COMO PROVA COM ATESTADO DO REGEDOR QUE JUNTA ou RESIDENTE NA MESMA FREGUESIA DESDE 2 DE JANEIRO DESTES ANO (se fôr funcionário) requer a sua inscrição no recenseamento para a eleição de... (Junta de freguesia ou Câmara Municipal) com o fundamento de... o que tudo prova com os documentos que JUNTA ou EXIBE.

Data, assinatura e autenticação pela comissão recenseadora ou por alguns dos seus membros quando o requerimento tenha sido escrito, lido e assinado pelo próprio, perante êste ou aquela. Quando a prova de saber ler e escrever seja feita por meio de requerimento autenticado por notário, deve o reconhecimento abranger a letra e assinatura.

NOTAS — Documentos necessários: — Certidão de idade ou bilhete de identidade, diploma de qualquer ensino público e atestado de residência.

Do Concelho

Ronfe, 3

Ao iniciar a série de correspondências para êste semanário que acaba de sair á luz da publicidade, felicito sinceramente a sua ilustre direcção, bem como todos aqueles que colaboraram com o melhor dos seus esforços para o seu aparecimento.

Bem haja, pois, a sua direcção pela nobre iniciativa que acaba de tomar, concorrendo assim, para espalhar por toda a parte a boa doutrina e os princípios sólidamente cristãos, em cuja base assenta a sua fundação.

Os meus votos são: que êste semanário seja, num futuro bem próximo, um verdadeiro apóstolo da verdade e do bem, a espalhar no lar, na oficina, na fábrica, em suma, nos lugares mais recônditos desta região, a boa doutrina moralizando os costumes e opondo assim um dique às más leituras que lançam nos espíritos incautos o gérmen da corrupção e da desordem.

Eia, pois, ávante e nunca desanimar!

Que êle encontre em cada vimar-nense um leitor amigo que o faça conhecido e assim teremos em breve, não um semanário mas um diário que marque na vida desta terra.

— Realizou-se nesta freguesia, com grande concorrência de fiéis, o tríduo do SS. C. de Jesus, cuja pregação foi confiada ao conhecido orador sa-

grado Con. dr. Martins Gonçalves, distinto professor do Seminário e Assistente eclesiástico da J. C. M., a cuja causa ele tem dispensado uma boa parte da sua actividade.

As suas conferências, que versaram assuntos de flagrante actualidade, foram ouvidas com religiosa atenção por um numeroso auditório que, apesar da chuva e vento inclemente, afluía de todos os lados no desejo de ouvir as suas pregações que na sua generalidade, o orador, relacionou com a A. C.

No domingo houve missa cantada. Na ocasião da Comunhão, abeiraram-se da Sagrada Mesa grande número de fiéis, depois de ouvirem uma substanciosa alocução alusiva ao acto.

Neste dia, bem como na véspera, houve reuniões especiais para as juventudes que se destinam a militar na A. C. que está em vias de organização nesta freguesia. De tarde houve terço e bênção com sermão pelo mesmo orador, que mais uma vez fez vibrar de entusiasmo os ouvintes, nesta tarde, mais numerosos do que nunca.

— Encontra-se nesta freguesia, a passar as férias do Natal, o quartanista de Teologia Manuel de Oliveira Campos.

— Tivemos a honra de cumprimentar o ex.º sr. Presidente da Câmara, dr. Francisco dos Santos, acompanhado do sr. Pedras, distinto aluno. Mestre da E. M. P. e editor dêste novo semanário e do sr. prof. Hugo A. de Almeida, digno director do querido *Berço da Grei*, que passaram aqui no dia 27 do p. p. Dezembro.

— Partiram desta freguesia para Vizela, a fim de assistir ao retiro espiritual que aí se está dando aos futuros militantes da A. C., os srs. Francisco Gomes da Cunha, Lázaro de Oliveira, aquele chefe do grupo de Escutas desta freguesia e êste guia da patrulha «Leão» do mesmo grupo e Plácido Dias. — C.

Caldas das Taipas

Convidado para correspondente dêste novo jornal, jubiloso e prontamente acedi, na consideração do belo programa que os ilustres fundadores do *Berço da Grei* se propõem executar.

Nesta risonha margem do bucólico rio Ave, de paisagens tam amenas e sedutoras; nesta povoação, cujas termas, de fama sempre antiga e sempre nova, atraem, de longe e de largo, a muitíssimas pessoas de todas as categorias sociais; nesta linda terra, que é magnífico centro de turismo pelas belezas naturais, pelas fáceis comunicações com cidades e vilas, pelas vizinhas estâncias prehistóricas da Citânia e do Sabroso — esta uma das mais importantes não sòmente da Península, mas do mundo inteiro — deve influir o esperançoso *Berço da Grei*, para a elevação das almas, acrisolando-as no sentimento dum entranhado e profundo civismo, para que uma sincera e forte confiança mútua se avigore e mantenha por forma a tornar eficazes muitas actividades inteligentes e valiosas.

Que êste periódico, nascido por inspiração dum alto sentimento patriótico, facilmente consiga fomentar a disci-

plina, para haver ordem, porque, sem isso, não há justiça nem progresso.

Que todos, — os que têm de mandar e os que têm de obedecer —, se compenhem de que, procurando cada um fixar-se no seu lugar próprio, exercendo a sua função com respeito pela dignidade e pelos direitos alheios, cumprirá inflectivelmente o seu dever.

E' nisto que está o segredo explicativo de triunfos.

Que procure cada um ser inteligente e ser honrado; sempre, e jamais ser agressivo.

E, assim, estabelecer-se-á a união.

Que o *Berço da Grei* enraíze na gente da minha terra a convicção do significado expressivo do gesto do rei Siluro, quasi moribundo, com o feixe de varas, ao despedir-se dos filhos:

— Unidos, sereis um valor, uma fôrça invencível. Desunidos, sereis o ludíbrio, o vilipêndio, a irrisão.

O lema do *Berço da Grei* é cheio de beleza.

Atraioá-lo-á quem não desterrar de si ou não fizer ao menos calar em si mesquinhas paixões, pequenos caprichos, — essa ignóbil polilha que muita vez se infiltra em almas grandes, mas é própria sòmente de almas inferiores e é sempre nefasta às realizações que enobrecem e engrandecem um povo e dignificam os indivíduos.

C.

Bicicleta — Compra-se em bom estado e paga-se pelo justo valor. Falar nesta redacção.

A NOSSA POSIÇÃO HOMENAGEM A GIL VICENTE

Lavra, em chamas vivas, de norte a sul do país a fogueira nacionalista, resgatadora dos erros e das ruínas acumuladas pelas tribos partidárias.

Hora de fé nos destinos da grei, a consciência nacional desperta, após a longa noite liberal para a reconstituição da Pátria num ambiente de calma, quando a política das nações se conturba, agitada por um vento de cizânia e demolição.

Dir-se-ia, que a ordem da casa lusitana no meio da Europa em desalinho, é símbolo de prosperidade dos povos que às fontes do cristianismo vão buscar alento para a reconstrução do seu edifício social, abalado até aos alicerces pela onda da demagogia.

Sob a clarividência e profunda inspiração de Salazar, lançam-se os vigorosos travejamentos da Nova Orgânica em substituição da obsoleta arquitectura do passado, que os ideólogos vintistas decalcaram em moldes gauleses, inadapáveis ao viver da grei.

De essência estruturalmente corporativa, a nova organização consubstancia as eternas e irreduzíveis características da nossa história, condicionando-as, todavia, às gritantes realidades dêste ciclo de renovação.

Ao sopro vivificador da Revolução Nacional desperta a consciência colectiva, durante longo tempo mergulhada em profunda sonolência.

Com a energia própria das convicções firmes, sacudamos também Guimarães do torpor em que o bairrismo posição a amodorra e enlangüesce.

Encetemos a obra de higienização que o ambiente emmiasmado reclama, inoculemos sangue vivo e dinamizador no corpo combalido da nossa terra.

Cumpre-nos varrer, nacionalistas de Guimarães, as excrescências do passado que em exalações pútridas amolecem a alma dêste bom povo, temperada à sombra do Castelo roqueiro, cuja restauração traduz o renascimento da vida portuguesa, o respeito pelas virtudes da grei, de que o liberalismo fez tábua rasa.

Este jornal será o porta-voz dentro do concelho de Guimarães das novas directrizes, cristãs, nacionalistas e corporativas, que orientam o Império Português.

Desde há muito que à nossa consciência se impunha a criação de um semanário que desassombrado e corajosamente tomasse a defesa dos interesses de Guimarães sem preocupações doentias nem resquílios de uma mentalidade anquilosada nos processos maquiavélicos do passado.

A tarefa pode ser dura, encontraremos os caminhos da vitória eriçados de espinhos, mas não é a prosápia balofa que para aí se pavoneia em atitudes conselheirais que conseguirá pôr dique à nossa impetuosidade.

A's geremiadas dos profetas da desgraça, às manifestações de derrotismo, temos de opor o desejo quente e forte do engrandecimento de Guimarães ao ritmo de acção renovadora do Estado Novo.

O Berço da Grei, sempre pronto a infleirar ao lado dos paladinos de Guimarães, que à liça venham defender os interesses da Terra com armas leais e propósitos saos, secunda a iniciativa do inteligente nacionalista sr. Manuel Alves de Oliveira, para que a comemoração do centenário vicentino atinja a grandeza própria do génio literário que se pretende glorificar.

Este semanário inicia no próximo número um inquérito às personalidades de maior relêvo de Guimarães e do país, no intuito de obter depoimentos que pela sua origem elevada possam focar a comemoração que se projecta nos seus múltiplos aspectos.

O inquérito obedece às seguintes perguntas:

1.º — Qual a forma mais condigna de homenagear o génio vicentino?

2.º — Guimarães, terra natal de Gil Vicente segundo as melhores versões deve imprimir à consagração do comediógrafo quincentista um carácter local, ou antes, interessar o país numa homenagem nacional?

3.º — No momento em que o Governo Português vai glorificar os verdadeiros impulsionadores da história Pátria — D. Afonso Henriques, símbolo da heroicidade em holocausto à independência nacional, o infante D. Henrique, expoente máximo do esforço científico em prol da dilatação do domínio português, Mousinho de Albuquerque, índice da acção colonizadora dos últimos tempos, não será justo incluir um monumento glorificador de Gil Vicente, uma das manifestações mais geniais da literatura portuguesa, na hora da passagem do IV centenário da sua morte e na cidade de Guimarães?

Higiene e puericultura

A QUEM LER

Ao consultar as estatísticas demográficas fica-se aterrado quando se verifica que em Portugal morre uma criança de meos de cinco anos de dez em dez minutos, um tuberculoso de meia em meia hora, que mais de cinquenta por cento da população dos grandes centros está sifilizada, que existem no país cerca de três mil leprosos, ou seja a terça parte dos leprosos que actualmente existem na Europa inteira, que o número de loucos aumenta assustadoramente, que a natalidade decresce, etc., etc.

De diversas e complexas ordens, algumas de difícil solução, são as causas que conduzem a esta calamidade, contribuindo, no entanto, muito para isso a ignorância e a falta de solidariedade humana.

Se todas as mãis soubessem cuidar convenientemente de seus filhos; se todas as pessoas tivessem os indispensáveis conhecimentos de higiene, quer física quer moral, e os pusessem em prática; se se melhorassem as condições de vida dos nossos trabalhadores, construindo-se bairros saudáveis, creches, cantinas, campos de jogos, etc., junto das suas fábricas e oficinas; se todas as leis da Direcção Geral de Saúde se cumprissem; se as câmaras municipais pudessem resolver todos os problemas de higiene e assistência dos seus concelhos (alguns entre nós, felizmente, estão em estudo e creio bem que dentro em breve em via de solução e iniciação); se os Poderes Centrais pudessem dispendir maiores verbas para alargar as obras de assistência social e moral, a mortalidade diminuiria imenso, a natalidade aumentaria e o país enriqueceria pela valorização do capital humano e pelo fortalecimento da raça.

Mas, já que tudo isto não é possível fazer-se dum dia para outro, ou até, talvez, nunca, procuremos, pelo menos, atenuar os males que dessas faltas advêm, difundindo, por todos os processos ao nosso alcance (imprensa, palestras nas escolas, associações, casernas, etc.), noções comesinhas da arte de cultivar a saúde, ensinando o homem a evitar a doença e a fortalecer o corpo e o espírito dentro das possibilidades actuais e esforcemo-nos por o compenetrar dos deveres que tem a cumprir para consigo, para com a família, a sociedade e a nação.

Não é nosso intuito abordar aqui os grandes problemas de higiene — abastecimento de águas, saneamento, bairros económicos, etc. — problemas êsses que exigem o concurso e o estudo de técnicos competentes e que estão dependentes do Estado e das autarquias locais.

Nós. Não é êsse o nosso fim, nem isso interessa à maioria das pessoas. O nosso fim é bem mais modesto, mas de maior utilidade prática.

Procuraremos, apenas, neste cantinho de *O Berço da Grei*, divulgar entre os nossos leitores os princípios rudimentares de higiene e puericultura, combatendo velhos e erróneos preconceitos e ensinando aqueles que o ignoram, que uma grande parte das doenças e das causas de invalidez precoce seriam evitáveis pela higiene.

No próximo número começaremos.

F.